

A PESQUISA-INTERVENÇÃO COMO FERRAMENTA PARA DEBATES SOBRE GÊNERO/SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Ana Júlia Felícia de Souza Reis¹
Leonardo Ferreira de Melo Farah Montenegro²
Antonio Marlon Coutinho Barros³
Luciana Lobo Miranda⁴

INTRODUÇÃO

Os debates sobre a questão de gênero e sexualidade e como esses são manifestados na escola não são novos, mas assumem cada vez mais uma roupagem diversa. No livro Problemas de gênero, Butler (2021) discorre sobre a lógica de alinhamento entre um discurso binário e o marcador do sexo. A partir disso, o gênero vincula-se a questão do sexo por considerar, na nossa sociedade, masculinidade sinônimo de ser homem e feminilidade o que define ser mulher. Para que essa vinculação continue acontecendo, certos comportamentos são elencados para cada gênero, a vestimenta, gesto, forma de falar remetem ao que é esperado de cada indivíduo segundo o sexo que é imposto ao sujeito ao nascer, assim, performando um modo de ser.

Já a sexualidade, de acordo com Foucault (1988) no livro “História da Sexualidade”, surge no final do século XVIII e início do século XIX, nas práticas médicas como uma interdição sobre corpos, operando na sensação de prazer e desejo do indivíduo. Dessa forma, tanto o regime discursivo quanto a repressão perante tais indivíduos atuam de forma que somente certos corpos podem expressar seu gênero e sua sexualidade. Nesse contexto, a expressão de sujeito de desejos fica borrado por ideologias e verdades universais que são produzidas na sociedade ao ponto que após

a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero (Butler, 2018, p. 34)

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, ana.julia.felicia@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, leomelofarah@gmail.com;

³ Doutorando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, marloncoutinho@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Professora Doutora pelo Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará - UFC, luciana.miranda@ufc.br.

A escola enquanto instituição moderna que se expande no mesmo período passa a ser um locus privilegiado não apenas de transmissão de saber das antigas às novas gerações, mas de modos de subjetivação, incidindo em formas de ser e pensar do sujeito em desenvolvimento. Foucault (1988) afirma que a escola é uma instituição que mantém as relações de poder, a partir de um sistema implícito de fiscalização e hierarquização dos corpos. Por outro lado, a escola também tem sido um lugar onde em seu cotidiano habitam formas de resistência, através de indivíduos que divergem da norma padrão sobre a sexualidade. Assim, as identidades que atravessam esse espaço não são “tão evidentes como usualmente pensamos, nem são uma decorrência direta das “evidências” dos corpos” (Louro, 2000, p. 8).

Ao entender gênero e sexualidade como uma construção social, a pesquisa busca entender, através da análise dos encontros e dos diários de campo, como corpos que fogem à norma cisheteronormativa, isto é, pessoas dissidentes em gênero e sexualidade, são atravessados por diversos discursos no território escolar, destacando a importância de falar sobre o território escolar através dos discursos de quem vivencia cotidianamente. Assim, produzir uma pesquisa com jovens estudantes é acessar como eles constroem modos de resistência e de existência no espaço de uma escola pública de Ensino Médio, dessa forma enunciando esses modos com/na escola.

A partir disso, produziu-se oficinas com estudantes de diversas idades, gênero e sexualidade, em que nos 4 encontros que se seguiram conseguimos perceber nos discursos das/os/es estudantes modos de existência e resistência que se entrelaçam com questões familiares, escolares, de redes de apoio e violências, sejam elas físicas e/ou verbais.

METODOLOGIA

Foram ofertados 4 encontros de 2 horas de duração. Participaram dessa pesquisa 10 estudantes inscritos através do formulário disponibilizado previamente pela rede social da escola, whatsapp das turmas e divulgação presencial nas salas de aula, sendo matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, com idade entre 14 e 17 anos, 7 cisgêneros, 2 não-binários e 1 gênero neutro, 4 bissexuais, 3 heterossexuais, 1 homossexual e 2 pansexual. Além delas/es/us, um mestrando e dois graduandos bolsistas, cursando Psicologia, e dois estudantes secundaristas bolsistas PIBIC-EM (um bolsista e uma remunerada), sendo todos cisgênero, 3 bissexuais e 2 não informado, compunham os encontros como facilitadores. A escola pública em questão, situada num bairro na cidade de Fortaleza, Ceará, ofereceu espaço para que as oficinas pudessem ser realizadas.

A experiência apresentada discute sobre a temática de gênero e sexualidade, compreendendo a importância de debater sobre esses temas na escola, um lugar ocupado por corpos diversos e, muitas vezes, divergentes da norma cisheterossexual. Assim, para que a conversa alcançasse o objetivo proposto, utilizamos o referencial ético-teórico-metodológico da Pesquisa-Intervenção (PI), uma prática desnaturalizadora que permite uma relação horizontal entre a ação de pesquisar e os agentes da pesquisa, em que a PI

aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social (Rocha e Aguiar, 2003, p. 67)

Na busca por narrativas que trouxessem os alunos para um local de expressão das vivências sobre as temáticas propostas, apresentamos produções audiovisuais e notícias midiáticas referentes a gênero e/ou sexualidade, além de papéis com palavras específicas, os quais serviram como um ponto inicial para nossas reuniões. Já para captarmos a compreensão das/os/es estudantes sobre os assuntos propostos, oferecemos cartolina, papel, canetinha, revistas, para que pudessem expressar em cartazes suas concepções sobre ser dissidente em gênero e sexualidade nos diversos campos sociais.

Como forma de registro das oficinas foi utilizado o diário de campo produzido, uma ferramenta utilizada para a discussão dos dados a partir das percepções que os pesquisadores e co-pesquisadores tiveram das reuniões, transcrevendo observações diretas e percepções internas. De acordo com Medrado, Spink e Mélo (2014) diário de campo, para além de anotações pessoais sobre o que acontece no campo, é um instrumento atuante que permite fluidez na pesquisa na medida que abre espaço para o pesquisador dialogar através de relatos, dúvidas, impressões sobre o campo habitado. A partir do diário de campo, analisamos não só dados importantes, mas também percepções que ajudam a construção crítica da pesquisa. Assim, a discussão proposta neste trabalho acontecerá através dessa análise dos diários de campo produzidos, entendendo que essa escrita é um norteador para a produção coletiva acerca da discussão sobre as temáticas relacionadas às questões de gênero e de sexualidade com jovens dissidentes em gênero e sexualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos, os encontros trouxeram a escola como um ambiente conflitante, um espaço ambivalente que transita entre acolhedor e repressor para os estudantes

dissidentes em sexualidade. Por diversos momentos os/as/es estudantes expressarem gostar de conviver ali ao mesmo tempo em que se sentiam incomodadas/os/es com alguns comportamentos cerceadores por parte da comunidade escolar. No trecho abaixo do diário de campo de um dos pesquisadores, retoma-se esse questionamento

“Algo que me chamou atenção foi que quando estávamos falando sobre sofrer violência física, Fernanda se emocionou muito ao falar em como a escola era espaço que lhe acolheu e ajudou num momento de vulnerabilidade, destacando sempre como não tinha do que reclamar sobre a coordenação da escola ABC, o que não tinha acontecido na escola anterior, lugar que muitas vezes fingia que nada tinha acontecido. Disso me recordo bem na nossa discussão porque as meninas falaram muito sobre como a ABC empurrava muito as coisas para “debaixo do tapete”, isso começou logo após perguntarmos se eles confiariam na escola para trazer preconceitos que poderiam sofrer naquele lugar, o interessante é que novamente trouxeram a tona a história da menina trans que foi agredida verbalmente, caso esse que o ABC prometeu averiguar e não tocou mais no assunto”. (Diário de campo de Catarina⁵, pesquisadora, 17/04/24)

Dessa forma, ao conversarmos sobre as experiências individuais e coletivas, problematizávamos o papel ambivalente da escola, que no trecho acima aparece como um local que ofereceu a aluna suporte em um momento que ela sofreu violência relacionada ao seu gênero, mas que na mesma discussão voltam a outro momento que a mesma escola não agiu para proteger uma pessoa transexual que sofreu uma violência em seu território. Essa divergência pode ser visualizada através de quais identidades são permitidas de existir plenamente no território escolar, sendo o marcador gênero, nesse caso, algo que define qual corpo seria protegido.

Assim, para compreender como esses marcadores estão presentes na escola, precisamos entendê-la como um microsistema que reproduz ordens macrossociais, onde vivências externas comumente são reproduzidas no interior dessa instituição. A escola, como uma instituição que também constrói padrões, faz parte do processo de subjetivação dos sujeitos, o qual se expressa na escola através de ordens que incitam padrões aos corpos. Louro (2000) discorre sobre a construção pedagógica que extravasa o território escolar, em que

para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas (p. 16)

⁵ Nomes dos pesquisadores e co-pesquisadores utilizados na citação do diário de campo é fictício.

A citação acima ratifica o trecho do diário de campo, pois demonstra como a pedagogia sexual da sociedade encontra sua continuidade no território escolar. Sendo assim, podemos analisar que o gênero e a sexualidade são aprendidos de diversas formas, performados através de gestos, atos e falas que são moldados ao longo da vida de cada indivíduo, por bases familiares, culturais, políticas, dentre outras e que, a partir dessa construção se atualiza como discurso na escola.

Por fim, ao discorrermos por diversos assuntos, a rede de apoio também foi tema de nossas oficinas com as/os/es estudantes. Para muitos delas/es/us seu suporte se encontra nos pares, seus colegas de sala de aula e amigos mais próximos que compartilham um lugar comum, o de estudante, adolescente, dissidente em sexualidade ou apoiador da comunidade. Nesses momentos, as/os/es participantes comentaram sobre a confiança que tinham em compartilhar sobre coisas que acontecem dentro e fora da escola. Outro ponto de apoio que foi citado pelos estudantes foram os professores e a gestão, nele o suporte aparecia através da segurança para buscarem resolução para os problemas institucionais relacionados ao gênero e à sexualidade. Por outro lado, esse amparo também era colocado como um apoio limitado, já que não tratava desses assuntos de forma a abranger diálogos e incluir toda a comunidade escolar. Neste sentido um dos Bolsistas PIBIC-EM, também secundarista da mesma instituição, desabafa em seu diário de campo

“Nesse contexto de 4 semanas, percebi que por mais que seja uma escola boa e diversificada ainda surgem problemas, como todas as outras né! Acredito que o pré-conceito ainda faz parte do cotidiano da escola, mas com frequências mais baixas comparadas a outras escolas, mas ainda sim não anula o problema, o que a escola faz para solucionar esses problemas? Ainda é uma dúvida, já que a escola tenta ao máximo agir sozinha e esconder tudo que possa ser visto a olho nu, mas o meio de intervenção não pode ser invalidado.” (Diário de campo de Lucas, bolsista PIBIC-EM, 26/04/24)

Assim, percebe-se como a escola se mantém para as/os/es estudantes a partir das redes de afeto, onde eles encontram um espaço de segurança, comparado a outras escolas, para conversarem sobre questões de gênero e sexualidade que perpassam seu cotidiano. Em contrapartida, como elencado no trecho do diário de campo acima, essa instituição também provoca uma hesitação tendo em vista que nem sempre é explícito a forma com que lida com assuntos ligados a tais fenômenos. Isso porque, como apresentada por Louro (2000) e Foucault (1997), a escola aparece nos discursos da oficina como reguladora, normatizadora e subjetivadora, mas que ao mesmo tempo é um lugar de potência e construção de subjetividade. O diário de campo, então, se torna uma ferramenta

importante para analisar esse processo dual que acontece numa instituição que atravessa a vida de diversos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que coletivamente os jovens constroem seus próprios discursos a partir de diversos fatores que contribuem para o entendimento sobre o que é ser um indivíduo dissidente em gênero e sexualidade. A escola, então, se torna um desses agentes, atuando nesses fenômenos através da normatização dos corpos, mas que ao mesmo tempo tem no seu território redes de apoio que servem como manutenção desses corpos a partir de uma linha de resistência e existência, operando na formação de suas subjetividades.

Assim, procurou-se ao decorrer deste trabalho relatar como foi a experiência de estar com jovens estudantes, compreendendo como gênero e sexualidade são vivenciados no espaço escolar, e como seus corpos dissidentes relacionam-se com esse espaço. Os diários de campo foram usados no decorrer da escrita como base da discussão, abarcando como a composição educacional corrobora para processos de existência e resistência em um ambiente regulador.

Há muito a ser construído na escola, de forma micro e macrossocial, para que a discussão sobre esses fenômenos não fique somente entre os pares, perpassando os diversos integrantes da escola, o conteúdo ofertado e a infraestrutura. A pesquisa, então, tornou-se um dispositivo de visibilidade dos discursos elencados nessa instituição, trazendo as/os/es estudantes como partícipes para a construção de possíveis discursos entre a relação gênero, sexualidade e escola.

Palavras-chave: GÊNERO, SEXUALIDADE, OFICINA, ESCOLA, PESQUISA-INTERVENÇÃO.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

FOUCAULT, M. A história da sexualidade, V. 1: A vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal Editora. 1988.

LOURO, G. L. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2000.

MEDRADO, B., SPINK, M. J. P. & MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: A produção de informação na pesquisa



social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 274-294.

ROCHA, M. L. da ., & AGUIAR, K. F. de. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 23(4), 64–73.